



A FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA: APROXIMAÇÕES E CAMINHOS PARA UMA FORMAÇÃO EMANCIPADORA

E-LEARNING TEACHER TRAINING: APPROACHES AND WAYS FOR A EMANCIPATORY TRAINING

- **Fernando Rodrigues de Castro** (Universidade de Brasília – fernandounb@gmail.com)
 - **Maria Lídia Bueno Fernandes** (Universidade de Brasília – lidia_f@uol.com.br)

Resumo:

O objetivo deste artigo é apresentar reflexões sobre as possibilidades de uso da tecnologia e da educação a distância na formação de professores. O texto resulta de reflexões desenvolvidas em pesquisa realizada no mestrado acadêmico e dentre outros aspectos prioriza o entendimento do uso da tecnologia educacional, na modalidade a distância, numa perspectiva emancipadora de formação de professores. Aspectos do processo de globalização e suas contradições são discutidos e relacionados quanto ao uso da tecnologia na educação. São desenvolvidas reflexões e aproximações entre o conceito de Cibercultura de Pierre Levy e sua contextualização com a formação docente por meio da EaD, numa perspectiva transformadora da realidade, com objetivos emancipadores do sujeito professor formado nesta modalidade de ensino, dialogando com a proposta de sociedade conectada em rede. Os primeiros resultados de pesquisa sugerem que o contato promovido por meio da tecnologia na oferta de formação docente em EaD é responsável por levar aspectos desta perspectiva teórica para a realidade atendida. A discussão toma forma e convida os participantes a discutirem sobre onde podemos chegar com esta modalidade de formação docente na realidade brasileira.

Palavras-chave: Educação a Distância. Cibercultura. Formação Docente. Emancipação.

Abstract:

The aim of this paper is to present reflections on the possibilities of use of technology and e-learning in teacher training. The text results from reflections developed in research conducted in the academic master's and among other things gives priority to understanding the use of educational technology in the distance, a emancipatory perspective of teacher training. Aspects of globalization and its contradictions are discussed and related on the use of technology in education. reflections and approaches are developed between the concept of cyberculture by Pierre Levy and its context with teacher training through e-learning in a changing perspective of reality, with emancipatory goals of the subject teacher trained in this type of education, dialoguing with the proposal of connected society network. The first results of research suggest that the contact promoted through technology in teacher training provision in distance education is responsible for bringing aspects of this theoretical perspective to the reality met. The discussion takes shape and invites participants to discuss about where we can get with this type of teacher training in the Brazilian reality.

Keywords: E-learning. Cyberculture. Teacher Training. Emancipation.





1. Introdução

Diversos são os desafios colocados à formação de professores em tempos tão peculiares. Vivemos um movimento de fragmentação e de instrumentalização do uso da tecnologia no atendimento ao mercado de formação docente a distância, onde o uso da tecnologia se apresenta como uma das principais demandas a serem incentivadas por sugerir um caminho pautado prioritariamente no consumo. Sobre este movimento consideramos fundamental entender como a globalização opera esta influência na difusão da ideia do porquê do uso da tecnologia na formação de professores e na disseminação da educação ofertada por meio das tecnologias da informação e da comunicação, assim como na justificativa do uso da educação a distância online em larga escala.

Frente a este panorama, educadores preocupados com o futuro de uma educação transformadora devem buscar compreender como o uso desta tecnologia poderá servir a outros interesses diferentes do mercado. Como esta tecnologia poderá contribuir para o desenvolvimento de iniciativas de sociedade em rede (Castells, 1999). Como a construção coletiva de conhecimentos será fundamental para uma ressignificada percepção da formação docente a distância, numa perspectiva em que o professor seja devidamente capaz de se apoderar desta ferramenta e a partir daí construir as bases para a transformação de sua realidade profissional.

Desvendar estes cenários será um desafio permanente aos educadores do século XXI. A tecnologia já se apresenta como uma grande conquista da sociedade moderna, ressignificando as relações humanas e influenciando setores produtivos e culturais, o que não seria diferente no campo da educação. O caminho já está tomado e sua compreensão se dará em movimento.

Como parte integrante de pesquisa em processo, realizada em nível de mestrado acadêmico em Educação, o presente artigo estabelece o caminho inicial em busca de elementos que esclareçam a sugerida relação entre o uso da tecnologia para outros fins, numa perspectiva transformadora da realidade, e, as possibilidades emancipadoras de formação docente em EaD. Por meio de pesquisa bibliográfica e da realização das primeiras entrevistas semi estruturadas realizadas com professores e gestores do sistema UAB, as reflexões iniciais apontam para caminhos possíveis, para a análise de uma realidade ainda em construção e que necessita de uma permanente investigação acerca das reais possibilidades transformadoras existentes.

2. Cenário geral: globalização

A sociedade conectada, na perspectiva da cibercultura, amplamente influenciada pela globalização, sustenta uma perspectiva de comunidade global em que sujeitos se deparam com possibilidades infinitas de troca de informações por meio das tecnologias da informação e da comunicação. Esta realidade nos é apresentada como um sistema, um conjunto de técnicas, que segundo Santos são presididas pelas “[...] técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária.” (2009, p. 22). Na educação esta perspectiva sugere um campo fértil para a ampliação dos programas educacionais por meio da educação





a distância. O efeito padronizador da globalização sugere uma ampliação dos programas em EaD. Este panorama tende a atender aos desejos de um mercado em expansão, por meio do comércio da tecnologia, sugerindo uma ideia de inovação e projetando uma sensação de que todos devem participar deste universo conectado.

A globalização, tal qual se apresenta na perspectiva debatida por Santos, possui um efeito fascinante, que nos leva a crer que o mundo está ao alcance de nossas mãos, existente num “mercado capaz de homogeneizar o planeta” (2009, p. 19). Esta característica homogeneizante é fator importante no discurso do mercado que está presente na educação e também por ela visa a expansão de negócios, por meio do que o autor sugere ser a “[...] existência de um motor único na história” (2009, p. 24), em que características culturais locais são colocadas em conflito, em face a esta ordem alinhada sugerida para todos os povos.

Este alinhamento homogeneizante pode ser considerado perverso porque não cumpre o papel proferido em seu discurso e, na verdade, acentua as diferenças sociais, expressas, por exemplo, no acesso desigual à educação. São transformadas as características locais, o contato com a cultura local. Mesmo que Santos (2009) defenda que existe uma força cultural que age sobre este processo homogeneizante, os resultados deste enfrentamento são percebidos num sentimento de não pertencimento à sociedade, se não ocorrer o livre consumo. O mundo se torna um lugar único, global, padronizado, dotado de características gerais e de consumo em larga escala. É justamente por este caminho que a EaD tende a se tornar uma nova ordem de consumo da educação, pois supõe a adoção de mecanismos padronizados e com ampla disseminação na sociedade.

Este movimento é ainda mais acentuado no campo da tecnologia digital. O uso da tecnologia como uma técnica se desenvolve paralelamente ao seu próprio mercado consumidor. Assistimos ao surgimento acentuado de inovações tecnológicas, numa corrida produtiva, que sugere uma necessidade de consumo delas para se sentir pertencente ao mundo moderno. As atividades diárias da sociedade urbana são fundamentalmente realizadas por meio de computadores conectados à internet.

No campo da educação esta situação não é diferente. Sistemas educacionais são desenvolvidos nos grandes centros urbanos, apresentando as mais diversas e desafiadoras soluções de acesso ao saber, na presunção de que, quanto mais acentuado for o consumo da tecnologia, melhores serão os resultados da prática educativa. Quanto mais sujeitos dominarem a técnica, melhores serão os resultados de sua prática. Quanto mais professores forem instrumentalizados para o uso da tecnologia, melhores serão suas condições de trabalho, o processo de aprendizagem de seus alunos e o seu desenvolvimento profissional. É nesta realidade que a educação a distância, regularmente, se apresenta como uma solução de ampliação do acesso à educação, o que por consequência, impacta e amplia diretamente a oferta dos programas de formação de professores nesta modalidade.

Por conta da disseminação do uso de computadores pessoais e da internet, a EaD ocupa um lugar de destaque no mercado globalizado. Desta possibilidade de se conectar sujeitos para a realização uma ação educativa e, da ampliação dos espaços de atuação de instituições educacionais em ambientes antes “isolados” dos grandes centros, surge uma possibilidade bastante promissora de potencialização do uso destas ferramentas. A tecnologia assume um espaço considerável na educação.





Neste panorama, a perspectiva de uma sociedade conectada em uma grande rede, por meio do uso das TICs (Levy, 1999), deve ser repensada quanto às possibilidades de transformação não apenas do sujeito inserido neste mundo conectado, mas na realidade como um todo. Este é o ponto onde traçamos uma aproximação desta temática ao processo de formação de professores.

O uso da EaD para a formação docente tende a se apresentar como um caminho alinhado ao interesse do mercado porque salienta a possibilidade de se levar formação para onde a educação presencial aparentemente não possui condições de atender à demanda apresentada. Nosso foco é buscar estabelecer uma análise consciente e crítica do uso da EaD na formação docente em face aos interesses do mercado e de suas reais possibilidades transformadoras. O caminho desenvolvido nesta investigação sugere que esta perspectiva de conexão em rede, de nós entrelaçados numa trama em constante desenvolvimento (Castells, 2013; Pretto, 2008), pode se configurar como uma possibilidade real de transformação da realidade da formação docente. No percorrer deste caminho, é necessário que sejam debatidos alguns aspectos, que buscaremos esclarecer neste trabalho.

3. Cibercultura e educação

Numa aproximação da realidade de formação de professores em EaD no contexto brasileiro com o conceito de Cibercultura de Pierre Levy (1999), encontramos um conjunto de possibilidades a serem exploradas na busca de uma sociedade conectada em rede que permita a elevação do papel deste profissional. Segundo o autor, são apresentadas três constatações acerca da relação entre educação e cibercultura. No primeiro momento é observada a velocidade do surgimento dos saberes, onde o autor defende que “Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira” (1999, p. 157). Esta aceleração com que as informações são veiculadas na Cibercultura é fundamental para o entendimento do uso da tecnologia na formação de professores, já que, da mesma forma que a globalização impõe uma perspectiva de padronização, a compreensão sobre o efeito desta troca de informações, quando utilizada para uma superação deste cenário hegemônico e perverso, se torna um caminho consciente para a contextualização da formação do professor a distância.

Ainda segundo Levy, numa segunda observação sobre a natureza do trabalho, propõe que “Trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir novos saberes e produzir conhecimentos.” (1999, p. 157). Estas são tarefas intimamente ligadas ao trabalho docente. Somada ao ritmo acelerado das informações, a formação docente requer como resultado o pensar permanente sobre o papel do professor em relação à sua realidade. Neste sentido, cabe buscar possibilidades de abastecê-lo de conhecimentos para que, a partir de sua atuação e reflexão, promover a transformação de sua prática como educador numa perspectiva de sociedade em rede.

No campo da evolução do uso da ferramenta tecnologia para o exercício docente, Levy propõe ainda uma terceira reflexão que nos serve de parâmetro para analisar como potencializar a formação a distância, quando sugere que:





[...] o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos).” (LEVY, 1999, p. 157).

A análise do autor de como as “tecnologias intelectuais” são disponibilizadas pela internet, assume que as mesmas “[...] podem ser compartilhadas entre numerosos indivíduos, e aumentam, portanto, o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos”. (1999, p. 157). A inteligência coletiva pressupõe o fundamento de uma sociedade conectada em rede. Sujeitos que compartilham visões antagônicas ou complementares, colocando em choque posições diferentes num debate coletivo, assim como na convergência de ideias, em localidades diversas, em situações diversas, são a base da construção coletiva das experiências, das possibilidades de novos olhares sobre suas próprias condições. Estas possibilidades do uso da tecnologia numa sociedade em rede apresentam um campo profundamente fértil para a realização de uma formação, também em rede, que de fato valorize a experiência do sujeito ao conectá-lo, a partir de sua escola, ao mundo.

Seguindo esta linha de raciocínio, numa relação entre as abordagens de Levy e de Santos, consideramos a relevância do uso da tecnologia para a difusão da informação compartilhada, bem como para a produção de conhecimento qualificado pelo potencial transformador de seu uso de forma crítica e contextualizada. Segundo as reflexões de Santos, ao apontar o lado perverso da globalização, são apontadas também as brechas a serem preenchidas por meio do uso dessa mesma tecnologia para se incorporar às lutas populares na perspectiva de transformação de um mundo, que assume dimensões perversas, para esta mesma população.

Neste contexto, Santos defende que:

É nessas bases técnicas (incluindo aqui a tecnologia) que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos [...]. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. (SANTOS, 2009, p. 20).

Nesse sentido acreditamos que a educação a distância pode ser essa ferramenta de transformação social. O seu uso, fundamentado em perspectivas sociais e políticas transformadoras, em contraponto aos apelos do mercado, tende a contribuir para uma educação que, de fato, encurte distâncias e promova uma formação docente alinhada às expectativas transformadoras da realidade. Se for utilizada com esse propósito estaremos diante de uma ferramenta capaz de ampliar as vozes dos sujeitos, de colocá-los em contato com pessoas que pensam os mesmos problemas ou que compartilham das mesmas dificuldades sociais, e dessa forma, contribuir para o processo de empoderamento desses sujeitos.

Santos defende que este momento é tenso, pois o uso das técnicas ocorre também nos espaços antes não atendidos. Observa a “[...] emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos à cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança.” (2009, p. 21). Para o autor, este momento de desenvolvimento tecnológico é único, em que povos possuem a oportunidade presente de estarem em contato uns com os outros, trocando experiências e aplicações do conhecimento em suas realidades. A diversidade cultural estabelecida pelo contato de





sujeitos em rede permite uma nova forma de percepção sobre esta interação. Assistimos a uma grande mistura de povos e de culturas, os limites sociais estão cada vez menores, assim como a existência de populações aglomeradas incide na no dinamismo desta mistura, acentuado cada vez mais pela própria tecnologia. A este fenômeno, Santos sugere que estamos enxergando a existência de uma “sociodiversidade”, que em suas palavras se torna “[...] historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade”. (2009, p. 21). Este entendimento de sociodiversidade se aproxima do conceito de sociedade em rede de Castells (1999), na medida em que alimenta o discurso de possibilidade de transformação da realidade educacional a partir da rede, da conexão e da troca permanente de experiências entre realidades aparentemente distantes.

A construção do conhecimento toma uma nova forma nesta realidade. As estruturas de planejamento não são mais tão rígidas. Em substituição aos padrões curriculares gerais, tradicionais e lineares, vimos o surgimento de padrões cada mais singulares. São verdadeiros novos espaços de conhecimento, que sugerem um novo estilo de Pedagogia, que segundo Levy, “[...] favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede.” (1999, p. 158). Ainda segundo o autor:

[...] devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxos, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva.” (LEVY, 1999, p. 158).

A experiência de ensino aprendizagem encontra na educação a distância um novo espaço de transformação, em que as tecnologias da informação e da comunicação estabelecidas na cibercultura definem uma nova forma de construção do papel do professor.

O professor, neste contexto, é “[...] incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos.” (LEVY, 1999, p. 158.) Nesta perspectiva de uso da tecnologia por um grande número de pessoas, observamos que o papel do professor é gradativamente ampliado num sentido de incentivador (animador) da aprendizagem, buscando se distanciar da visão tradicionalista, de detentor do saber acumulado. O acesso à informação está ao alcance de uma tecla e por este motivo a aula como conhecemos em nossa formação inicial tende a cair em desuso, por não alimentar mais a sede de conhecimento do aluno conectado. Porém, o papel do professor não é diminuído neste panorama, pelo contrário. A formação do professor a distância possui as condições de elevar não somente a possibilidade de acesso aos bancos das universidades, mas também a de preparar o professor para o acesso ao mundo conectado, permitindo a experiência de uma formação já pensada e desenvolvida nesta perspectiva da cibercultura.

Neste ponto estamos diante de um desafio, em que o caminho sugerido para a potencialização do papel do professor implica também a questão da escola. O papel transformador do uso da tecnologia na educação pressupõe pensar uma nova escola. Estas transformações são passíveis de uma interpretação ligada ao interesse do mercado no consumo da tecnologia. O discurso de implementação de tecnologias na escola não pode ser por ele mesmo o único resultado esperado. Desta forma será simplesmente uma instrumentalização. É preciso que a partir desta implementação as pessoas sejam formadas para o uso da tecnologia a serviço de outra perspectiva. O real fator transformador do uso da tecnologia na educação é exatamente se valer de um processo pensado neste contexto de consumo e a partir daí promover o que se espera de uma educação emancipadora, que





transforme a realidade de professores, alunos e da escola como espaço de construção do saber.

Nesse sentido, segundo Santos (2009), há de se pensar que as artimanhas do capital podem ser superadas quando utilizamos as ferramentas antes apresentadas como de dominação na busca de uma libertação. O uso da tecnologia numa perspectiva de sociedade em rede já é por si só uma possibilidade real de permitir que pessoas de universos, antes distantes, estabeleçam uma troca de experiências e, dessa forma, construam conhecimentos.

4. Formação docente e sua relação com a tecnologia

Uma discussão importante na atualidade nos remete à reflexão sobre como a tecnologia tem chegado à sala de aula. Embora exista o discurso da inovação e da modernização, o uso da tecnologia de maneira instrumental tende a estabelecer a manutenção do chamado tecnicismo pedagógico. Barreto observa esta manutenção num chamado determinismo do uso da tecnologia na educação, como se o uso das TICs fossem a “[...] solução para todos os problemas, incluindo os que extrapolam os limites educacionais.” (2010, p. 36). A defesa de um distanciamento desta visão deve contribuir para uma educação libertadora, que de fato construa bases de resultados mais adequados à realidade brasileira, em oposição ao movimento de padronização percebido na globalização.

O uso da tecnologia em sala de aula deve ser um passo para a abertura de uma nova gama de possibilidades. Ainda segundo Barreto, não podemos supor que a simples presença das TICs na escola seja fator fundamental para melhorias qualitativas nos processos educacionais, porém, segundo ela, “O divisor (brecha ou fratura) digital não se resume à presença/ausência de acesso a elas, mas diz respeito à sua inscrição no cenário pedagógico.” (2010, p. 40). A autora faz menção ao uso da tecnologia como uma possibilidade pedagógica, passível de diversas formas de entendimento e de instrumentalização no processo de ensino aprendizagem, e que deve estar inserido no universo escolar. Nesse sentido, somos levados a defender uma formação de professores contextualizada com o uso social da tecnologia, de forma que os componentes tecnológicos sejam caminhos para uma descoberta. O ambiente educacional, principalmente por meio da EaD, é o espaço propício para esta descoberta. Pretto e Lapa defendem que possuímos um cenário bastante fértil para elevarmos este debate, em que:

O que propomos pensar é que o professor, mesmo que parta desse lugar comum e procure fazer na EaD a mesma “velha” educação de forma mais performática, com novos recursos, isto é, a educação transmissiva e centralizada com o uso da TIC, ele terá que se confrontar com situações inusitadas que provocarão, no mínimo, grande instabilidade. Essa instabilidade torna-se um momento potencial para a reflexão sobre a educação, com a possibilidade de uma resignificação do papel docente, propiciando a transformação. (LAPA; PRETTO, 2010, p. 82).

Estes mesmo autores discutem que uma problemática central entre a educação a distância e a formação de professores reside numa formação tecnológica ofertada a professores que possuem uma vasta experiência escolar tradicional, o que geraria uma distorção na evolução do uso da tecnologia em educação. O tecnicismo pedagógico





(Preto;Lapa, 2010) seria a reprodução do modelo tradicional de educação por meio do uso da tecnologia de maneira instrumental, ainda com o discurso de inovação. Mesmo que professores sejam instrumentalizados quanto ao uso da tecnologia, a formação inicial não será suficientemente capaz de inseri-lo numa perspectiva de sociedade em rede a partir do contato com a técnica ou pela sua simples reprodução em sala de aula. Não solucionaremos o problema do domínio da tecnologia da educação e de uma proposta de sociedade de fato conectada apenas com o ensino superior.

Preparar um professor para o exercício da docência, no mundo moderno, não significa apenas inseri-lo no contexto desta modernidade. A inserção é um passo do processo. A formação docente deve estabelecer conexões entre o uso da tecnologia e o saber teórico pedagógico. Segundo Almeida, a prática pedagógica formativa *online*:

[...] exige a superação de concepções de formação centradas no domínio de recursos e tecnologias ou na análise teórica sobre as tecnologias na sociedade e na educação e volta-se para a integração entre esses dois polos associados com a experiência em contexto *on-line* e com a reflexão sobre esta prática à luz de teorias que são articuladas com as experiências. (ALMEIDA, 2010, p. 72).

Esta formação está ligada à práxis, na conexão entre os saberes teóricos e o conhecimento desenvolvido no exercício profissional. Significa trazer o professor para uma prática reflexiva e contextualizada com a cibercultura. A formação para atuação em uma sociedade em rede deve superar a visão tecnicista da tecnologia, permitindo que o domínio das TICs estabeleça uma relação de transformação da concepção de mundo pelo professor. O avanço da oferta de formação docente em EaD demonstra uma possibilidade de ressignificação do papel do professor, em contraponto e, na perspectiva da superação de um modelo hegemônico imposto pelo mercado. Desta forma, partimos de uma proposta que visa identificar elementos emancipadores que contribuam para o exercício da docência de profissionais formados em cursos ofertados em EaD.

Nesse sentido, instrumentalizar o professor para o uso da tecnologia não deve ser o objetivo principal de um projeto de formação docente, mas sim proporcionar uma nova compreensão do uso da EaD para a profissão docente. Os caminhos para esta construção perpassam o entendimento do poder do uso da tecnologia no verdadeiro encurtamento de distâncias, superando a visão de mercado, produzindo um aprofundamento do debate entre sujeitos que estão conectados e a partir deles promovem o uso da tecnologia na melhoria de suas vidas. Estamos diante de um embate entre o uso técnico da EaD, em atendimento ao mercado, e o uso pedagógico, transformador, da técnica. O ajuste realizado nesta perspectiva deve favorecer seu uso pedagógico, colocando a tecnologia a serviço do fazer pedagógico transformador.

O professor e sua prática docente são fundamentais para o desenvolvimento de uma educação libertadora e, sua formação, quando ofertada a distância, deve estar alinhada a esta perspectiva. Estamos falando de uma educação que pretende romper barreiras, que pretende vencer obstáculos de acesso. Um processo de transformação inclusive do próprio professor, na superação da lógica tecnicista do uso da tecnologia. Neste panorama de transformação, encontramos em Meszáros a seguinte reflexão:

[...] uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas





educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança. (MESZÁROS, 2005, p. 25).

O fazer pedagógico do professor deve ser contextualizado com o saber teórico, desenvolvido na formação inicial, sua prática em sala de aula e o uso da tecnologia. Por este caminho o simples uso instrumental da tecnologia poderá incorrer no erro da manutenção do sistema como está. A prática docente é a materialização de parte da mudança na sociedade. O que propomos é uma abordagem em que o professor seja suficientemente abastecido de experiências que permitam o contato, o uso adequado da tecnologia e a aplicação deste saber em sua trajetória docente, promovendo a expansão do que chamamos de sociedade em rede durante a práxis educativa.

Acreditamos que, para que estes resultados aconteçam em todo o sistema educacional, o primeiro passo é a formação de professores. Se a tecnologia da educação pode servir aos interesses transformadores da realidade, formar professores nesta perspectiva significa formar sujeitos que serão responsáveis pelo uso dela enquanto profissionais, enquanto responsáveis pelos sistemas de ensino. Formar formadores e expandir esta formação contextualizada com a prática docente significa proporcionar uma atenção especial ao pedagógico, em detrimento ao foco tecnicista.

Em conjunto com esta abordagem, será necessário ainda superarmos outra contradição existente no uso da tecnologia. Com o avanço do uso da internet, cada vez mais condições técnicas são exigidas para que os programas de educação a distância, de fato, consigam se desenvolver. Em países emergentes como o Brasil, é bastante comum encontrarmos localidades que não possuem infraestrutura adequada para a implementação ou a realização de programas em EaD por meio da internet. O fato é que onde mais se precisa da EaD, são regularmente os locais que possuem as piores condições de recebê-la.

É neste cenário que precisamos lutar pela expansão desta conectividade à maior quantidade possível de lugares. Experiências de conexão de internet via satélite, universidades abertas e demais possibilidades de expansão da educação a distância devem estar presentes nas políticas públicas de países comprometidos com a transformação de sua realidade e são outros passos a serem dados na busca de uma sociedade em rede. Nas palavras de Pretto e Assis, “Banda larga para todos deveria ser o lema, sem dilema.” (2008, p. 76). Assim teremos a possibilidade de estabelecer uma rede em que sujeitos poderão interagir a partir do acesso à internet. Ainda segundos os autores:

[...] a noção de rede diz respeito a um princípio de organização de sistemas, o qual envolve as redes tecnológicas, as redes sociais, as redes acadêmicas e, claro, as redes das redes, gerando, potencialmente, conhecimentos que podem contribuir para uma maior integração de ações e conhecimentos dentro de um universo interdependente. (PRETTO; ASSIS, 2008, p. 77).

Defendemos que a apropriação da cultura digital esteja colocada para a sociedade de maneira ampliada. Produzir conhecimento com base nas interações entre pessoas de diferentes realidades será a condição para a transformação da atual ordem social. A formação docente também será concebida com esta perspectiva. A internet desempenha papel fundamental nesta situação, permitindo que experiências diversas produzam uma cultura digital como um espaço aberto de vivências nesta nova forma de relação social. Conforme diferentes culturas se manifestam na sociedade em rede, produziremos novas dimensões de criação, desenvolvimento e propagação de ideias.





A relação do professor com o sujeito da aprendizagem deve ocorrer de maneira dialética e dialógica (Freire, 1996). Sua formação deve estar atenta a isso. Uma sociedade em rede deve estar fundamentada numa rede de conexões que permita ao sujeito a troca de informações e o seu próprio reconhecimento como membro da comunidade. Caso ocorra um distanciamento entre sujeitos, ocasionado talvez pela tentativa de padronização de resultados e comportamentos, tanto o processo social será desconstruído da coletividade como poderá causar sofrimento ao sujeito professor.

O professor exerce uma atividade que permite o seu reconhecimento como sujeito social e promove uma prática transformadora da realidade, num processo contínuo de escrita de sua história. Quando o processo educacional se distancia da sociedade e do seu papel transformador ocorre um processo de alienação deste professor em relação ao seu trabalho. A educação, segundo Frigotto (2010), também é perversa quando reproduz o sistema desigual dominante. A formação do professor é entendida como um instrumento de transformação desta realidade. Mesmo o professor exercendo uma função que pressupõe um distanciamento desta alienação, será na sua formação que os devidos cuidados quanto ao seu poder transformador deverão estar previstos. Somente por meio da educação é que seremos capazes de romper com o panorama perverso da sociedade e por isso colocamos a formação docente para a atuação na sociedade em rede num patamar de destaque entre as ações de superação desta lógica dominante.

Defendemos que, uma educação a distância transformadora parta de experiências docentes coletivas, da prática social e da realização do trabalho docente contextualizado com as perspectivas sociais do local onde será realizado. Como a tecnologia pode ser compreendida como um instrumento estruturante de uma prática educacional será preciso que o professor se apodere de suas características e esteja inserido numa ação formativa que permita uma experiência real de conectividade, para que, a partir daí, seja capaz de refletir profissionalmente sobre o uso dela e suas consequências na prática docente. Esta relação entre o instrumento e os resultados sociais do seu uso se aproxima do empoderamento do sujeito no uso da tecnologia, quando sua relação com ela supera a reprodução ou a mera instrumentalização.

A formação docente, em uma sociedade em rede, é entendida como o conjunto de todos estes fatores. É compreendida como as possibilidades de transformação social a partir de uma formação capaz de produzir informação e conhecimento no âmbito da cibercultura, evidenciando o laço existente entre cultura e educação. É uma ação formativa que ultrapassa os limites do próprio campo educacional, fortalecendo culturas e valores dos locais onde pode chegar.

5. Aproximações e caminhos sobre a formação docente a distância – Primeiros passos da pesquisa.

Freitas (2005) discorre sobre a preocupação da formação docente distante da discussão não somente dos temas presentes à sua época, mas à capacidade de desenvolver no professor condições para a realização do debate. O olhar dialético do educador em face aos desafios de sua profissão. Pensar sua própria vida e o resultado do seu trabalho e os verdadeiros impactos sociais de um novo olhar sobre tudo que o cerca.





Compreendemos que a educação a distância possui elementos emancipadores para formação de professores. Acreditamos que por meio dela as distâncias sociais poderão ser diminuídas. Por meio da EaD, os programas educacionais poderão alcançar espaços negligenciados pela educação das elites e serão capazes de colocar em contato pessoas de diferentes realidades numa permanente troca de conhecimentos, de saberes específicos e de experiências transformadoras.

Almeida (2015), apresenta ao GT08-Formação de Professores da Anped um panorama bastante objetivo do que possuímos como possibilidades de desenvolvimento da EaD na formação de professores. As contradições entre o que se pretende com essa formação de maneira transformadora e o que estado brasileiro promove como política pública ainda estão no campo de disputas. A expansão dos programas em EaD sugerem avanço. Porém, alcance não significa propriamente qualidade, tão pouco consenso entre os caminhos defendidos. Padronizar a formação docente a distância seria o caminho correto? O conjunto legal e normativo do sistema educacional brasileiro favorece uma formação docente contextualizada com as reais necessidades? Acho que ainda estamos distantes disso, porém, a discussão está posta e pretendemos contribuir com a nossa pesquisa nesta direção.

Não acreditamos que a tecnologia por ela mesma seja capaz de revolucionar o processo de ensino aprendizagem, como o mundo do consumo supõe que seja. Buscamos um distanciamento desta visão reificante. Acreditamos que a adoção de certos princípios merece atenção em sua caracterização como ferramenta importante de transformação da cultura globalizada, desde que seja instrumento nas mãos de pessoas orientadas numa perspectiva transformadora. Esta educação não poderá ser reprodutora. Não poderá apostar sua inovação em aspectos unicamente técnicos. Não poderá se tornar um meio em si mesma.

Da mesma forma que ocorre na escola, no desenvolvimento das atividades pedagógicas transformadoras, o uso da tecnologia também deve se desenvolver permanentemente, superando o uso instrumental reprodutor da lógica do consumo. Estes aspectos do uso e do desenvolvimento de conhecimentos pela rede se tornam tarefas diárias na prática do professor formado em EaD. O que, de certa forma, será o fio condutor do uso da tecnologia como técnica que proporciona saídas e caminhos para a sua própria prática educativa. Procuramos, assim, nos distanciar de uma visão pura e simplesmente instrumental, para nos aproximarmos de novas concepções de uso da tecnologia para a educação em rede, numa perspectiva de conexão entre a diversidade existente nos diferentes espaços atendidos pela EaD.

Da mesma forma com que práticas pedagógicas progressistas, observadas por Freitas (2012), Freire (1996), Frigotto (2010) e Saviani (2012), defendem uma posição horizontalizada entre docentes e alunos, a tecnologia deve ser vista como uma evolução desta perspectiva, onde alunos e professores estabelecem as mesmas relações no ambiente digital. A cooperação, a troca de saberes, o ajudar ao outro e própria ideia de mudança de cultura são pontos a serem desenvolvidos na prática educativa online. Uma formação alinhada a esta visão deve promover a inclusão dos sujeitos e seu consequente empoderamento por meio do processo de descoberta destas ferramentas na transformação de sua prática enquanto professor. Esta deve ser uma preocupação permanente da formação de professores. Não será possível que professores estabeleçam esta relação





horizontal com seus alunos sem que sejam formados nesta mesma perspectiva. A educação a distância deve ser espaço de práticas com esta finalidade. A relação professor e aluno de maneira dialógica deve ocorrer em todo o processo de formação docente, combatendo a influência do tecnicismo pedagógico e o uso da tecnologia numa visão reificante.

Enquanto indivíduo e agente de mudança por meio da prática docente, o professor lida com a perspectiva de emancipação do educando, assim como no atendimento aos anseios individuais e de respeito às diversas concepções de mundo experimentadas no universo escolar. Educar é um ato intencional, político (Frigotto, 2010), que prevê resultados de aprendizagem e na atitude dos educandos. As condições de desenvolvimento individual são previstas nos programas educacionais, assim como as interações entre os sujeitos sugerem um processo coletivo de troca de saberes e de experiências. A formação docente deve ser estabelecida com base nos mesmos princípios e, por meio da tecnologia, deverá promover o caminho para a emancipação como sujeito professor.

O que fazer a partir do uso da tecnologia? O que o professor pode fazer com a tecnologia em sua prática profissional? Como ele se reconhece sendo formado por meio de uma tecnologia capaz de conectar sujeitos em torno de uma sociedade em rede? Estamos falando de uma autonomia, de uma possibilidade de inovação no campo pessoal. De um empoderamento pelo uso da tecnologia no desenvolvimento de programas de formação docente que ultrapassem os muros das escolas. De uma ação intencional que ocupe um papel importante do desenvolvimento da sociedade de maneira emancipadora.

Ao mesmo tempo em que o indivíduo é parte fundamental do processo de formação, ele está inserido em um coletivo, que transforma o uso da tecnologia ao realizar suas atividades numa perspectiva multicultural, interconectada e permeada por uma diversidade de concepções de mundo. O fazer coletivo numa proposta de educação a distância incorpora uma variedade de situações altamente ricas para o processo de formação. Superando os limites das salas de aula físicas, o ambiente online de um curso ofertado para diversas regiões em diferentes estados poderá colocar o aluno em contato com uma produção cultural altamente diversificada. A diversidade aqui colocada, em superação ao limite físico ou temporal, permitirá uma nova forma de conceber ideias por meio da rede formada por pessoas. O senso de pertencimento a um determinado grupo tende a ser potencializado. De algumas dezenas de pessoas passa-se a centenas, milhares delas espalhadas por todo o país. É no espaço coletivo que compartilhamos nossos sentimentos, crenças, emoções, posicionamentos políticos, sonhos e conhecimentos.

Os primeiros passos da pesquisa, ainda na realização de entrevistas semi estruturadas com professores responsáveis pelos programas de formação a distância no âmbito da Universidade Aberta do Brasil, sugerem indícios de que este fazer coletivo imprime uma nova possibilidade de atuação transformadora. Mesmo que os programas sejam criados numa perspectiva ainda baseada no princípios presenciais (Almeida, 2015), apenas transformados em EaD, o contato entre as pessoas esta posto. Temos agora a possibilidade de interação, por meio da tecnologia, entre as universidades e os pólos de formação de professores espalhados em todo o país.

As primeiras entrevistas realizadas e ainda em processo de estudo sugerem que o contato entre estas realidades tão distantes promovem a instabilidade abordada por Lapa e Pretto (2008). Os professores são claros ao observar que os resultados ainda estão distantes de uma perspectiva emancipadora propriamente dita, mas que o contato já é algo que





balança a estrutura antes voltada para o presencial. Esse choque já é um indício que algo ocorre quando a EaD enfim chega a um espaço antes não atendido.

É fato que, algumas pessoas podem se sentir desconfortáveis com a experiência educacional por meio de uma tela de computador, porém até mesmo este exercício está ligado a uma intencionalidade de mudança de cultura, de provocar instabilidade e, a partir disso, desenhar novas possibilidades, assim como defende Santos (2009). A tecnologia não deve ser utilizada para excluir pessoas do processo educacional, muito pelo contrário, é dever do educador formado em EaD o ato de promover esta inclusão na sua prática docente.

Precisamos assim, contextualizar qual tipo de professor pretendemos formar. Buscamos compreender quais possibilidades estão postas para a melhoria do cenário educacional brasileiro. Veiga nos fornece indícios sobre qual tipo de professor pretendemos formar, “[...] um professor com capacidade crítica e inovadora, capaz de participar nos processos de tomada de decisão, de produção de conhecimento, de participação coletiva, consciente do significado da educação” (2010, p. 26). Concordamos com esta visão, ao defendermos a permanente preocupação em formar professores que sejam capazes de usarem a tecnologia com inovação no seu fazer pedagógico, que percebam as infinitas possibilidades de transformação do ato de ensinar por meio da tecnologia e que estejam comprometidos com o uso dela numa visão social e inclusiva.

Não existe uma receita fechada e acabada. A formação docente é um processo permanente, como na fala de Veiga, “A formação é um processo, por isso, inacabado, não avança no isolamento, no individualismo. O compartilhar é imprescindível para que haja crescimento pessoal e coletivo”. (2010, p. 32).

6. Considerações finais

Ainda há muito a ser pensado e realizado com vistas ao desenvolvimento do uso da tecnologia para fins de transformação da prática educativa. Acreditamos que caminhos podem ser construídos na superação das perversidades encontradas no mercado educacional da formação de professores a distância. Nosso esforço é concentrado nas possibilidades reais do uso da tecnologia para transformação do trabalho docente formado nesta modalidade. O empoderamento dos sujeitos pode emergir quando, no que diz respeito à compreensão de que fazem parte, na constituição de uma sociedade em rede, conectada, diversificada e multicultural, assim como na compreensão sobre as possibilidades de troca de informações, do espaço coletivo digital e no encurtamento de distâncias por meio da internet.

Sujeitos são coletivos, a sociedade é uma coletividade em movimento constante. A aprendizagem em rede encontra no mundo moderno seu habitat natural. O que precisamos repensar é sobre qual uso faremos desta tecnologia na transformação de nossas vidas e sobre como professores serão formados em diversas localidades por meio da EaD, e ainda, se serão suficientemente capazes de rescrever suas histórias, ao construírem conhecimentos pelo uso da tecnologia. Como serão capazes de ressignificarem sua prática docente no mundo conectado.





7. Referências

ALMEIDA, M. E. B. Transformações no trabalho e na formação docente na educação a distância *on-line*. In: SOMMER, L. H. (Org.). Educação a Distância e Formação de Professores: problemas, perspectivas e possibilidades. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 67-77, nov. 2010.

_____. Formação de Professores a Distância: avaliação e perspectivas. In: 37ª Reunião Nacional da ANPEd, GT08-Formação de Professores, UFSC – Florianópolis. Out. 2015

BARRETO, R. G. Configuração da política nacional de formação de professores a distância. In: SOMMER, L. H. (Org.). Educação a Distância e Formação de Professores: problemas, perspectivas e possibilidades. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 33-45, nov. 2010.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad: Maria Luiza X. de A. Borges. Rev. Tec.: Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahad Editora, 2003.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, L. C. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. 11ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

_____. Eliminação Adiada: novas formas de exclusão introduzidas pelas reformas. In: **Pro-Posições**, v. 16, n. 3 (48). Campinas – SP, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Reedição Ed. EGA, 1996.

FRIGOTTO, G. **Educação e a Crise do Capitalismo Real**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LAPA, A.; PRETTO, N. L. Educação a distância e precarização do trabalho docente. In: SOMMER, L. H. (Org.). Educação a Distância e Formação de Professores: problemas, perspectivas e possibilidades. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 79-97, nov. 2010.

LEVY, P. **Cibercultura**. Trad: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MÉSZÁROS, I. **A Educação Para Além do Capital**. Trad: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____; CASTANHEIRA, P. C.; LOPES, M. **O Poder da Ideologia**. São Paulo. Boitempo, 2004.

MIRANDA, M. G. Sobre Tempos e Espaços da Escola: Do princípio do conhecimento ao principio da socialidade. In: **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 639-651. Campinas, 2005.





PRETTO, N. L.; ASSIS, A. Cultura Digital e Educação: Redes já! In: PRETTO, N. L.; SILVEIRA, S. A. (Orgs.). **Além das Redes de Colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 42ª ed. Campinas: Autores Associados, 2012. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 5)

VEIGA, I. P. A; SILVA, E. F. (Orgs.). **A Escola Mudou. Que Mude a Formação de Professores**. 2ª Ed. Campinas: Papyrus, 2010.

